

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a cerimônia de inauguração da Avenida Antônio Carlos

Belo Horizonte, 21 de junho de 2007

Meu caro governador de Minas Gerais, Aécio Neves,
Meu caro prefeito de Belo Horizonte, Fernando Pimentel,
Meu caro Geddel Vieira Lima, ministro da Integração Nacional,
Meu caro Patrus Ananias, ministro do Desenvolvimento Social e Combate à Fome,
Meu caro Hélio Costa, ministro das Comunicações,
Meu caro Luiz Dulci, ministro da Secretaria-Geral da Presidência da República,
Meu caro Márcio Favilla, ministro-interino da Secretaria de Relações Institucionais,
Meu caro deputado Alberto Pinto Coelho, presidente da Assembléia Legislativa,
Deputados federais Ademir Camilo, Antônio Roberto, Ciro Pedrosa, Jaime Martins, Jô Moraes, Leonardo Monteiro, Leonardo Quintão, Maria do Carmo Lara, Mário Henrique Heringer, Miguel Corrêa Junior, Reginaldo Lopes, Virgílio Guimarães,
Vereador Totó Teixeira, presidente da Câmara Municipal de Belo Horizonte,
Meu caro Ronaldo Vasconcellos, vice-prefeito de Belo Horizonte,
Meu caro Murilo de Campos Valadares, secretário municipal de Políticas Urbanas de Belo Horizonte,
Meus amigos e minhas amigas,

Primeiro, quero cumprimentar o Geraldo Camilo dos Santos, que veio aqui descerrar a placa conosco, que é o representante dos operários da obra de construção da avenida Antônio Carlos, em nome de quem eu quero cumprimentar todos os operários que trabalham nesta obra.

Primeiro, prestem atenção em uma coisa. Vocês viram o Pimentel e o

Aécio se elogiando muito aqui e vocês viram que, quando os dois começam a falar bem um do outro, vai sobrar um pedido de dinheiro para o governo federal para terminar esta avenida.

Na verdade, eu quero dizer ao governador, ao prefeito e ao povo aqui, que eu aprendi, com os meus companheiros de Minas Gerais, que Minas é um estado brasileiro que faz uma política diferenciada. Mesmo as brigas dentro do PT, aqui em Minas Gerais são diferentes das brigas do PT em outros lugares do Brasil. Parece que os mineiros são mais calejados, parece que os mineiros são mais experimentados na política, e essa história de que o mineiro, por si só, é um ser político conciliador, é uma conquista de Minas Gerais, e eu não acho que seja a conciliação pela conciliação. É porque prevalece a inteligência, porque é melhor um bom acordo do que uma péssima briga, é melhor um bom acordo do que uma péssima disputa política que, às vezes, tem como resultado o prejuízo para o povo de uma cidade ou de um estado. Portanto, quero dar os parabéns à relação existente entre o governo do estado e a Prefeitura de Belo Horizonte, porque eu acho que o resultado final é uma conquista para o povo de Belo Horizonte.

A segunda coisa que eu quero dizer para vocês é essa notícia que o governador disse, do programa Luz para Todos. Ele me mostrou um recorte de jornal e eu achei um absurdo, porque no nosso programa Luz para Todos, até 2008 nós temos que atingir 12 milhões de pessoas e eu quero, governador Aécio, que a nossa geração, que vai governar até 2010, seja a geração de um presidente da República e de governadores de estado que apaguem o último candeeiro deste País, a última lamparina, para que as pessoas tenham, definitivamente, luz para todos.

A terceira coisa que eu queria dizer aos meus amigos de Minas Gerais, e digo isso com orgulho, é que este ano, até o mês de maio, já foram criados quase 1 milhão de novos empregos com carteira profissional assinada. Foram 913 mil empregos nos primeiros cinco meses do ano, com recorde todo mês. Como a economia está crescendo – ela cresceu 4,3% no primeiro trimestre, vai crescer um pouco mais no segundo, vai crescer um pouco mais no terceiro e vai crescer um pouco mais no quarto – eu posso dizer para vocês que nós não apenas atingiremos um crescimento de 5%, como poderemos passar esse crescimento de 5%, para que ele se transforme num crescimento duradouro,

sustentável, para recuperar os quase 30 anos de estagnação da economia brasileira.

Meu caro Pimentel e meu caro governador, na semana passada eu fui ao Rio de Janeiro, e foi um dos momentos mais emocionantes da minha vida. Eu fui inaugurar a plataforma da Petrobras, chamada P-52. Senti a mesma alegria que a gente sente quando nasce um filho, porque eu sei da briga que foi feita neste País em 2002, contra o ex-presidente da Petrobras, em que diziam que o Brasil não tinha condições de fazer plataforma aqui, diziam que a gente não tinha engenharia, que a gente não tinha mão-de-obra qualificada. Na época, houve até uma matéria paga num jornal, chamado Gazeta Mercantil, na época contra mim, dizendo que eu não entendia do que estava falando. Nós compramos a briga e resolvemos fazer a plataforma aqui. Na sexta-feira da semana passada eu fui a Angra dos Reis. Eu tinha visitado aquele estaleiro em 2001, tinha seis funcionários trabalhando no estaleiro. Eu fui na sexta-feira, agora, e tinha 8 mil funcionários trabalhando no estaleiro, 2,8 mil empregos diretos e quase 6 mil empregos indiretos.

Mas o que era importante? É que a plataforma custou exatamente 1 bilhão e 100 milhões de dólares, e esse é um dado significativo, a gente tinha provado que 65% dela seriam de componentes da indústria nacional. Qual não foi a minha alegria porque não foram 65%, foram 76% de componentes nacionais. Em dezembro eu vou colocar no mar a P-51, a segunda que estamos fazendo, e vamos anunciar a P-56, a terceira que nós vamos fazer aqui. São três plataformas que, juntas, custariam quase 4 bilhões de dólares. Se a gente não acreditasse neste País, se a gente não pensasse na soberania nacional, a gente estaria mandando esse dinheiro para Cingapura ou Noruega, gerando empregos em Cingapura e na Noruega. E estamos gerando empregos para brasileiros e brasileiras viverem condignamente, conquistando a sua cidadania.

Na próxima semana, ou quem sabe nos próximos 10 dias, estarei voltando a Minas Gerais. Aí, sim, vou querer que o governador e o prefeito me convidem para o almoço, porque eu vou vir lançar com eles o programa do PAC na área de saneamento básico. São 40 bilhões de reais que vamos

gastar, em três anos e meio, em urbanização de favelas e saneamento básico – é o maior gasto já feito na história deste País – e 106 bilhões para habitação. Esse programa vai ser lançado aqui em Belo Horizonte, depois eu vou lançar no Rio de Janeiro, em São Paulo, na Bahia, em Pernambuco, vou ao Ceará, vou ao Amazonas, vou ao Pará, porque nós acreditamos que se nós fizermos funcionar corretamente o Programa de Aceleração do Crescimento, o PAC, a gente vai estar criando uma nova dinâmica na administração pública brasileira.

E posso dizer para vocês, por tudo que eu conheço deste País, que não houve nenhum momento na história da República, em 118 anos, em que a economia esteve tão equilibrada como está agora, não teve nenhum momento na história. As donas-de-casa que vão ao supermercado sabem que estão podendo comprar mais. Mas não basta apenas isso, é preciso que a gente garanta que isso não seja uma bolha que vai murchar amanhã. É preciso que a gente garanta que a cada ano o povo conquiste espaços, que o povo conquiste um pedaço de cidadania, para que a gente possa, ao final de quatro anos, quando terminar o meu mandato, quando terminar o mandato do governador Aécio Neves, o do prefeito termina daqui a um ano e meio, o legado que a gente deixe seja o reconhecimento do povo de que as coisas melhoraram, sobretudo para os mais pobres, sobretudo para aqueles que, ao longo de séculos, foram esquecidos neste País porque as pessoas não os olhavam. Todo mundo que faz política sabe que os mais pobres deste País são lembrados apenas em época de eleição, porque em época de eleição o valor do voto deles é igual ao valor de um voto de banqueiro. Mas, depois da eleição, as audiências são feitas com os banqueiros e não com os pobres deste País.

É por isso que nós aprovamos, esses dias, uma aposentadoria especial para os portadores de hanseníase e fizemos o reconhecimento das pessoas que ficaram trancafiadas em colônias, pessoas que saíram das suas casas com nove anos de idade e ficaram 50 anos presas numa colônia porque a palavra lepra, naquele tempo, assustava qualquer um. Então, quando nós fizemos esse reconhecimento... nós queremos dizer que essa nova geração de políticos no Brasil, que a nova geração de governadores, tem tudo para fazer muito por este País, se a gente compreender que governador não briga com o presidente e o presidente não briga com governador. Nós não fomos eleitos

para brigar, nós fomos eleitos para governar no interesse do povo brasileiro. Se a gente compreender que prefeito não tem coloração partidária, que tanto faz ser do PT, do PFL, do PTB, do PMDB, nós não temos que olhar a cara do prefeito ou o partido do prefeito, nós temos que olhar a cara do povo e a necessidade do povo para fazer as políticas sociais.

Inaugurar esta obra aqui não é apenas um prazer, meu caro prefeito Pimentel, é a possibilidade de eu dizer para vocês que quando a gente vê uma obra como esta a gente pode dizer: vale a pena governar, porque são obras assim que dão a dimensão de um administrador como o prefeito Fernando Pimentel, que uma obra pensada há 30 anos, foi concluída agora uma parte dela. Eu sei que este discurso bonito dele vai fazer com que, na semana que vem, ele esteja no meu gabinete dizendo: “Presidente, agora eu preciso acabar o restante e preciso de mais 80 milhões de reais, que é o que falta para acabar”. Eu não sei se gente vai poder contribuir com os 80 mas, certamente, mais uma vez o governo federal não faltará a Belo Horizonte e não faltará a Minas Gerais.

Meus parabéns, Prefeito, e até outro dia.